



### **RESENHA:**

**BERNSTEIN, H. Dinâmicas de classe da mudança agrária.** 1ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 171 p.

#### **José Sobreiro Filho**

Pesquisador do NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. Bolsista de Mestrado da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Rua Roberto Simonsen, 305, CEP: 19.060-900, Presidente Prudente-SP.  
E-mail: [sobreirounesp@gmail.com](mailto:sobreirounesp@gmail.com)

Norteador para os iniciantes e instigante para os mais afinados com a temática. Indubitavelmente a obra de Bernstein consegue concatenar os principais elementos que circundam a questão agrária mundial antiga e atual realizando uma análise ao mesmo tempo ampla e profunda. Apesar de conciso, o livro "Dinâmicas de classe da mudança agrária" consegue realizar com acurácia uma leitura embotada de referenciais históricos, espaciais e apinhada de ponderações, análises, comparações e reflexões instigantes que tomam como referência países da América, Europa, África, Ásia e Oceania, mas com especial destaque para o hemisfério sul. Tais qualidades da obra estimulam os leitores e pesquisadores que lançam-mão de compreendê-la e propiciam-lhes o acesso a uma visão holística do cenário mundial em uma leitura objetiva e acessível.

A estrutura do livro guia uma viagem destacando aspectos importantes e inerentes à compreensão da questão agrária antiga e atual. A contextualização histórica sob o enfoque da economia política agrária nos introduz ao texto se encarregando e nos munindo de elementos e referências para compreender as mudanças agrárias desde o período feudal até o desenvolvimento das diferentes faces do capitalismo e também do colonialismo. Assim, sob o enfoque da economia política de Marx, em seu primeiro capítulo, Bernstein discute produção e produtividade destacando pontos fundamentais do universo camponês, tais como: trabalho; natureza; cooperação; reprodução; excedente; exploração; divisão do trabalho; e

acumulação. Dentre os vários elementos apontados destaca-se, na discussão sobre a reprodução, a organização do campesinato em fundos. Neste sentido, compreende o campesinato através de uma leitura dos fundos de consumo, substituição, cerimonial e de arrendamento, visto que seria, até então, os fundos que nos permitiria compreender um pouco mais a composição do modo vida camponês.

A origem e desenvolvimento do capitalismo, sobretudo agrário, são pontuados apresentando suas principais características, as vias de transição agrária e sua marcha até tomar feições comerciais. O colonialismo insere-se neste contexto como elemento impulsionador do capitalismo comercial em todo o mundo. Nos capítulos II e III Bernstein se atem a apresenta-los em suas diferentes fases, assim como a mudança agrária e os diferentes regimes de trabalho em diversos países. De forma clara o autor pontua as mudanças do uso da terra, mão de obra de dinâmica de classe e seus desdobramentos na formação do mundo moderno, sobretudo, focando na composição do capitalismo. Neste sentido, o colonialismo é ponto central tanto como elemento impulsionador para as mudanças no capitalismo e sua forte caracterização comercial quanto na mudança agrária ocorrida em todo o mundo.

No capítulo IV, Bernstein apresenta as ideias centrais sobre a passagem da lavoura para a agricultura trabalhando tanto com o aumento da escala, local para global, quanto também relacionando com elementos e fatores tais como: a base industrial da mudança técnica; a formação de mercados globais e a divisão de trabalho na agricultura; a elaboração de políticas para o setor agrícola. Neste sentido, sob o enfoque global, o autor relaciona a transição da lavoura com os estes novas os fatores e elementos de base técnica-política-econômica correlacionando com as metamorfoses do capitalismo e evidenciando suas expressões tanto no primeiro quanto no segundo Regime Internacional Alimentar. Adiante, no capítulo V, realiza um breve percorrido sobre a crise do Segundo Regime Alimentar Internacional relacionando diferentes processos, como por exemplo a quimicalização e a diferenciação existente entre campesinato e agronegócio, e destacando a inserção e condição da agricultura, em escala global, na lógica neoliberal. Neste sentido, o fim do desenvolvimento e o fim do campesinato são temas polêmicos que integram parte desta discussão e contribuem, sobretudo, para entendermos ainda mais os reais desdobramentos da mudança agrária, sobretudo, em termos de classe.

Alguns dos impasses para o desenvolvimento da lavoura capitalista e as benesses da lavoura familiar para o capital são relevados no capítulo VI. A leitura

Chayanoviana faz-se importantemente presente destacando elementos pilares do pensamento de Bernstein e que muito contribuem para entendermos a dinâmica da lavoura familiar. A autoexploração e relações de assalariamento, articuladas inclusive entre os próprios camponeses, é ponto central da discussão de resistência entre lavradores e camponeses.

Neste sentido, o capítulo VII apresenta a formação de classes entre os próprios lavradores. Lênin é principal referência, sobretudo por ter realizado significativa diferenciação entre os camponeses ricos, médios e pobres, sendo assim, o ponto de partida para o autor. No entanto, Bernstein aprofunda ainda mais mostrando a complexidade da dinâmica de classe da lavoura familiar e a diferenciação nos próprios camponeses relacionando diversos elementos que, por consequência, compreendem e potencializam a desagrarização e descamponização, tais como: assalariamento, redução do consumo a níveis extremos, falta de terras boas, falta de capital para comprar ferramentas, mão de obra desqualificada, etc. Por fim, O VIII capítulo aponta a necessidade de um avanço tanto da sociologia política quanto da sociologia econômica para se compreender as novas feições e os novos elementos e dinâmicas de classe no campo. As lutas de classes no campo e os movimentos sociais são pontos a serem estudados, sobretudo no hemisfério sul, e emergem pontos fundamentais que desvelam a realidade agrária e social. Neste sentido, muitos dos elementos que compreendem a realidade agrária são desvendados pelos movimentos sociais tais como MST no Brasil, dentre a ampla gama de pontos destacam-se: arrendamento, tributos, pauperização, opressão, injustiça social, avanço do capital, etc.

Evidentemente, a obra de Bernstein consegue apresentar uma visão holística dos principais elementos e fatores que influenciam na dinâmica de classe na mudança agrária. Neste sentido, uma qualidade destacável é a interdisciplinaridade e a coerência teórica da obra, pois realiza desde uma leitura antropológica e geográfica até uma análise econômica, política e sociológica refinada. Da subordinação do campesinato à luta pela terra, do local ao global, da subsunção do trabalho à luta de classes, do norte ao sul, do colonialismo ao avanço do capitalismo moderno. Bernstein nos oferece uma obra que apesar de ser concisa, consegue ser objetiva, acessível, instigante e provocativa. Enfim, pode-se afirmar que a riqueza da obra está no fato de além de concatenar e coadunar coerentemente uma ampla gama de pontos fundamentais que nos permite e nos municia de mais elementos para analisar e seguir avançando no debate sobre a mudança agrária, a obra também nos

apresentam vários questionamentos, reflexões e problematizações que muito contribuem para o debate e nos permite fomentar ainda mais a discussão da questão agrária atual.

*Recebido em: 10/04/2012.*

*Aceito para publicação em: 23/07/2012.*